

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

**Faculdade de Teologia**

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

**INTRODUÇÃO AO LIVRO DE JONAS**

CRUZ João Wanderson de Oliveira Ossola da  
GALVÃO Leiliane Nunes  
KATANHA Mariano Sousa  
LIMA Luis Miguel dos Santos  
OLIVEIRA Fabrício Gabriel Lima  
SILVA Lucas Alves

**Trabalho da disciplina Literatura Sapiencial**

Prof. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2023

# INTRODUÇÃO

O livro de Jonas faz parte da coleção dos livros proféticos, estando ele entre os livros de Abdias e Miqueias. Diferente dos demais livros proféticos, o de Jonas não se trata do relato de denúncia, mas sim de como se dá o chamado do profeta por parte de Javé e as abordagens para fugir da missão que lhe é imposta. Desse modo, a narrativa do livro de Jonas constitui uma novela ou historieta, onde sua preocupação não está na documentação dos fatos históricos, mas sim no entretenimento e audiência do leitor que poderá retirar dela uma lição ou aprendizado.

Para entendermos a origem do nome do personagem principal, é necessário compreendermos o contexto do seu tempo. Sendo assim, conforme a tradição, já havia no tempo de Jeroboão II um profeta com o mesmo nome, pertencente à aldeia de Gat-Ofer, que já havia anunciado o restabelecimento das fronteiras de Israel (2Rs 14, 25).

Dessa maneira, a narrativa adotou um nome histórico, adaptando-o para outro contexto. A popularidade da narrativa de Jonas, tanto na tradição judaica quanto na tradição cristã. Uma vez que, este texto é lido no Dia do Perdão (Yom Kippur), considerado como dia do arrependimento e do retorno do bem, sendo uma data de suma importância para a religião judaica. E na tradição cristã, a história de Jonas é conhecida e citada desde os primórdios das primeiras comunidades cristãs.

Certamente não se sabe quem foi o autor do Livro de Jonas. Adentrando esse Livro, percebe-se que ao começar a ler esta novela, constata que o texto se trata de uma narrativa corrente, com uma unidade de tema e estilo, ou no que lhe concerne terá uma narrativa poética somente no capítulo 2, 3-10, apresentando uma teologia bem diferente do restante do livro, tratando-se de um salmo que fora provavelmente acrescentado posteriormente. Em todo texto não há nenhuma menção do personagem como um profeta e que não se sabe quem foi o escritor do livro, uma vez que na época de Jonas, os sacerdotes que eram responsáveis pela educação e instrução à lei ao povo, cujos ensinamentos estavam relacionados ao culto e ao sacrifício. Sendo assim, o autor do livro não pode ter sido do grupo de sacerdotes. Com relação à

datação, não existe nenhuma evidência dentro do próprio texto, porém há alguns indícios que possibilitam uma datação tardia.

O Livro de Jonas, trata-se de uma história bem-desenvolvida e planejada, podendo ser dividida em duas cenas paralelas: uma que passa no mar (do capítulo 1 ao 2) e outra que passa na terra (do capítulo 3 ao 4). Em ambas podem ser encontradas a palavra de Javé, a reação de Jonas, a presença de personagens estrangeiros e de elementos da natureza. Identifica-se que na história são empregados alguns recursos narrativos, como a repetição de palavras, o uso de citações e a inversão irônica.

Superintende que a mensagem principal do livro de Jonas, diferente dos livros de Neemias e Esdras que destacavam a reconstrução de Jerusalém, a restauração da Lei e das práticas rituais e outros assuntos sociais, esta obra aborda uma temática diferente. Ao contrário, o texto ironiza o comportamento do judeu nacionalista com um olhar favorável aos estrangeiros, sendo a resistência de Jonas a representação dos grupos que não aceitavam que Javé fosse misericordioso com os estrangeiros. Dessa maneira, as pessoas que liam ou ouviam a narrativa de Jonas eram convidadas a rever sua compreensão de Deus.

Portanto, ainda que o livro fosse usado contra a visão reduzida de alguns grupos judeus que pensavam serem eles o único povo abençoado por Deus. A releitura da narrativa de Jonas provoca a reflexão da necessidade de assumir nossa missão de cada dia, sendo ainda um convite para identificarmos nossos preconceitos e eliminá-los.

## CAPÍTULO 1 – JONAS NO MAR

O livro inicia com uma expressão comum na abertura dos livros proféticos: "A palavra de Iahweh foi dirigida a Jonas" (Jn 1,1). É a fala da divindade a seu mensageiro e não há menção de data nem de lugar, mas o que se destaca é o conteúdo: "Levanta-te e vai a Nínive".

Quem recebe a palavra é Jonas, filho de Amati, segundo uma tradição de 2Rs 14,25, é o nome de um profeta oriundo de Gat-Ofer, de uma aldeia na Galileia, que atuou no tempo do rei Jeroboão II (783-743 a.C.). Diante dessa tradição, esse profeta anunciou ao rei o restabelecimento das fronteiras do reino do Norte, Israel, ele era um profeta defensor da monarquia, que pregava o bem-estar e o sucesso para o rei. Muito diferente da profecia de Amós, que anunciou a morte de Jeroboão II e a destruição do sistema político de Israel (Am 7,11).

Uma das razões que provavelmente Amati foi escolhido como pai de Jonas, foi devido ao fato que, muitas pessoas da época do surgimento do livro pensavam como o Jonas do século VIII a.C. Elas acreditavam que somente o povo de Israel era escolhido e protegido por Javé, mas, no fim do império persa, havia grupos que pensavam que a misericórdia de Javé existia somente para o povo de Israel. Por isso, a escolha de um profeta nacionalista favorece a identificação com os nacionalistas do tempo do livro. E, além disso, o nome "Jonas" significa pomba, um dos símbolos de Israel (Os 7,11; 11,11) e isso leva a deduzir que Jonas pode ser entendido como a personificação de um grupo dentro do povo de Israel.

Ele recebeu uma ordem: "Levanta-te, vai", essa fórmula é comum no envio de um profeta (1Rs 17,9; 21,18; Jr 13,4-6; Ez 3,22). E essa ordem dada a Jonas especifica o lugar e o que deve ser anunciado: "Nínive, a grande cidade, anuncia contra ela que sua maldade chegou até mim" (Jn 1,2). Contudo, pregar contra uma cidade estrangeira dentro da própria cidade é ordem totalmente nova. Javé quer que sua Palavra seja ouvida.

Ao ser enviado, Jonas não diz uma palavra, apenas age... Levanta-se e vai em direção contrária e vai a Tarsis, essa cidade era considerada pelos hebreus como o fim do mundo (Is 66,19). Assim, Jonas desce a Jope e lá

encontra um navio para Társis. Era o porto mais próximo para quem morava em Jerusalém ou nas regiões vizinhas. Para quem escreveu a história, Jonas representava grupos israelitas que moravam em Jerusalém ou próximos dessa cidade. Destaca-se também na primeira parte do texto, Javé agindo fora das fronteiras da Palestina.

Mas, a fuga de Jonas provoca a ira de Javé: Ele "lançou sobre o mar um vento violento, e houve uma grande tempestade" (Jn 1,4) e os marinheiros têm consciência de que a tempestade não é simples coincidência, mas um acontecimento sobrenatural e Jonas que estava indiferente a esse acontecimento precisa revelar quem ele é aos marinheiros: "Sou hebreu e temo a lahweh, o Deus do céu". Contudo, entre o que Jonas proclama e seu comportamento existe grande distância, pois ele diz que teme a Javé, mas faz exatamente o contrário do que ele pede, não coloca sua vida a serviço de Javé, sendo uma confissão "da boca para fora", sem convicção.

O protagonista da novela sabe que é o culpado pela tempestade que ameaça as vidas inocentes, diante disso, ele relata aos marinheiros sua tentativa de fugir da presença de Javé (Jn 1,10). Não tendo dúvidas de que a tempestade é um julgamento divino.

Jonas se encontra afastado das pessoas e alheio aos acontecimentos ao seu redor. O fato de Jonas estar alienado da realidade pode indicar passividade ou depressão, por estar fugindo da ordem de Javé e de sua missão. Morrer é o caminho mais fácil para Jonas, pois assim ele não precisa ir a Nínive. Jonas é um profeta que está sem esperança. Enquanto ele continua se opondo ao projeto de Deus, os marinheiros e o capitão são descritos como pessoas de esperança, integridade e justiça.

Já o segundo capítulo do livro de Jonas representa uma segunda parte do relato do profeta rebelde. Em Jn 2, 1-2 faz a ligação com o capítulo anterior e a introdução para o relato do peixe e seu lamento penitencial.

A segunda cena acontece em 2,1-11 sendo que os primeiros dois versículos são uma continuação da narrativa do capítulo 1, quando Javé envia um "grande peixe" que o embarca e navega com Jonas por três dias pelo fundo do mar. A partir do versículo 3 ocorre a inserção do salmo

penitencial que nitidamente não se assemelha ao restante do livro. Instalado no interior do peixe, mas angustiado, Jonas reza a Javé de forma humilde e suplicante e então Javé ordena ao peixe-veículo que ele devolva Jonas em terra firme.<sup>1</sup>

No contexto do livro de Jonas, o cântico penitencial difere do restante do livro. O salmo de Jn 2,3-10, que é de gênero litarário diferente e que não tem relação alguma com a situação concreta de Jonas nem com o ensinamento do livro, foi acrescentado depois.

O segundo capítulo serve, dentro da novela de Jonas, como ligação entre o capítulo 1 e 3, porque o cântico de ação de graças conduz Jonas à cidade de Nínive. Embora Jonas procurasse escapar de sua missão fugindo para Társis, seu banimento seguido da expulsão do navio o torna consciente da existência divina. O banimento de Jonas é uma consequência de sua tentativa de escapar da sua missão.

Pelo segundo capítulo compreendemos que Deus age nos corações, de Jonas, inclusive. Sua ação é a expressão de misericórdia, que no relato de Jonas dentro do peixe revela a salvação de Deus e não condenação, que só espera a manifestação do arrependimento para conceder seu perdão. Dentro do grande peixe, Jonas reflete a sua condição de ter estado próximo da sua morte por afogamento e, louva a Deus para responder ao seu pedido de ajuda.

Muito significativa é a menção de três dias e três noites nas entranhas do peixe. É uma forma de reforçar a duração do tempo (cf. Gn7,4). Conforme a cultura da época, trata-se de expressão própria para designar o período que uma pessoa levava para chegar ao Xeol: três dias completos. Tal compreensão pode ser entendida com base em Jn 2,7b: “Eu descí (...) a terra cujos ferrolhos estavam atrás de mim para sempre”. O narrador afirma: “Orou Jonas a lahweh, seu Deus, das entranhas do peixe” (Jn 2,2). Nesse versículo, a palavra hebraica usada para peixe é *dagá*, forma feminina, ao passo que, no versículo 1, o termo usado está na forma masculina: *dag*. Não é possível saber com precisão, mas o ventre de uma fêmea é o lugar onde se

---

<sup>1</sup> SANTOS ALTIEREZ SEBASTIÃO DOS, *O livro de Jonas: um Deus que abraça todas as pessoas*, Caminhando, UESP, São Paulo 2019.

gera nova vida.

## CAPÍTULO 2 – JONAS EM TERRA

O capítulo terceiro deste livro representa a terceira cena do profeta, que é o centro do livro, pois anuncia o castigo e a conversão ao povo de Nínive. Igualmente, o autor do livro mostra por meio da conversão dos ninivitas “o amor misericordioso de Javé”.

Alguns elementos importantes se devem ter em conta neste capítulo. O nome Javé, que é o nome da divindade adorada pelos israelitas e que é anunciado por Jonas aos não israelitas (ninivitas), que têm outras divindades, por exemplo, Assur,

As expressões três dias e quarenta dias (v 4), que são muito recorrentes na Bíblia hebraica e que provavelmente o autor terá se servido dela para compor essa mensagem do profeta. O número quarenta faz alusão ao dilúvio (Gn 7,17; 8,6), ao tempo em que Moisés permaneceu no monte Sinai para receber a Lei (Ex 24, 18), e ao tempo que Elias levou para chegar ao Horeb (1Rs 19,8). A septuaginta apresenta uma lição diferente do hebraico; em vez de quarenta dias, traz *três dias*, na tentativa de harmonizar com a informação contida no v.3.<sup>2</sup>

O antigo costume do jejum (v 5-9) em Israel está ligado a um rito de penitência e expiação (Ex 34, 28; 1Sm 31,13; 2Sm 12,16-23), e mostra por um lado, a aceitação da mensagem de Jonas sem resistência, nem questionamento, ao contrário dos habitantes de Jerusalém que não escutaram os seus profetas e nem escutaram os seus profetas. A prática do jejum é mais costumeira para os israelitas para afastar a desgraça da divina e aplacar sua ira. Porém, os ninivitas, a partir do decreto do rei, inclui também os animais, que provavelmente eram propícios para os sacrifícios na cultura judaica.

Diferente de outras narrativas apresentadas na Bíblia hebraica, o rei de Nínive é o antítipo do rei Joaquim, de Judá (Jr 36), que junto com os seus oficiais não quiseram ouvir a palavra de Javé. A reação do rei de Nínive vai mais além: em conjunto com seu conselho de ministros, decretar um jejum nacional (v. 7-9); e, não só aprovar as propostas vindas do movimento popular

---

<sup>2</sup> FERNANDES LEONARDO AGOSTINI, *JONAS*, PAULINAS, São Paulo 2020, 18.



nascido do subúrbio, mas também as amplia e, mais importante ainda, as transforma em programa político, o que significa que a estrutura do Estado participa do processo de renovação.<sup>3</sup>

O decreto contém três aspectos que vão além do movimento popular: em primeiro lugar, ele incorpora os animais no jejum nacional (v.7), abstendo-se do pasto. Até de água, e espera que o gado use pano de saco (v.8). Em segundo lugar, o decreto introduz pela primeira vez, a palavra “*converter-se*”: ‘*e se converterá cada um de seu caminho perverso*’. O verbo aparece quatro vezes nos últimos três versículos de Jn 3. Em terceiro lugar, temos a “*conversão de Deus*” (v.9); também Deus pode arrepender-se e voltar atrás (Gn 6, 6ss; 1Sm 15,11; Ex 32,12...). O decreto real conseguiu que toda a população se convertesse de seus atos perversos e violentos. Deus viu esta mudança radical na vida das pessoas e voltou atrás em sua decisão de destruir a grande e má cidade (v10).<sup>4</sup>

“Nínive era uma cidade muito grande, de três dias de marcha” (Jn 3,3b); era uma das quatro maiores cidades da Assíria, ao lado de Assur, Calah e Arbela. Uma cidade que tinha como protetora Ishtar, a deusa do amor e da guerra. Afirmar serem necessários três dias para atravessá-la é um exagero do autor do livro de Jonas, para reforçar a sua importância (Jn 1,2; 3,2; 4,11).

Contudo, o versículo 10 deste capítulo pode ser considerado o cerne da mensagem do livro de Jonas: O Deus de Israel é um Deus misericordioso para todas as nações. A misericórdia não é propriedade exclusiva do povo de Israel, e nem se pode limitar a atuação divina no povo eleito, porque Ele é um Deus universal.

Além disso, nota-se que é duro demais para Jonas aceitar essa missão, por isso ele resiste. Ele cumpre a missão contra a vontade. Não quer que esse povo se converta. Afinal, Jonas não tem nenhum interesse em conviver com eles.

Já capítulo 4 do livro de Jonas consiste na lição que Deus dá a Jonas a partir do exemplo da mamoneira, onde Deus mostra que a ira de

---

<sup>3</sup> KILPP-NELSON, *JONAS*, Comentário Bíblico, Vozes, Petrópolis 1994, 106-107.

<sup>4</sup> Cf. KILPP-NELSON, *JONAS*, 108-109.

Jonas é infundada. A árvore que protege Jonas contra o calor torna-se uma parábola: se este arbusto é tão precioso para Jonas, não o será para Deus, a grande cidade?

Neste capítulo, Jonas reconhece que o Senhor é Deus compassivo e clemente (Jn 4, 2). Este termo compassivo e clemente se encontra em outras partes das escrituras, como nas seguintes passagens:

"O Senhor, o Senhor, Deus compassivo e clemente, lento para a ira e rico em misericórdia e fidelidade, que guarda a misericórdia por milhares de gerações, que afasta a iniquidade, a transgressão e o pecado..." (Ex 34, 6b-7a);

"O Senhor é compassivo e clemente, paciente e de grande misericórdia." (Sl 145, 8);

"Rasgai vossos corações e não vossas vestes e voltai ao SENHOR, vosso Deus, pois ele é compassivo e clemente, lento para a ira e rico em bondade e se arrepende do mal ameaçado." (Jl 2, 13).

Também, nota-se que nos versículos 6, 7 e 8 há uma tríplice repetição do verbo fez surgir (hebraico *wayyeman*) para simbolizar a ação de Deus.

A mamoneira tem duplo objetivo: dar sombra à sua cabeça e libertá-lo de seu mal. De que mal Jonas precisa ser libertado? De sua mentalidade reduzida de que o povo de Israel é o único povo de Deus e por isso mesmo tem privilégios. Deus quer libertar Jonas também de sua insensibilidade para com outros tipos de pessoas, com diferentes maneiras de ver, de agir e de viver sua fé, sua religiosidade. Não foi fácil para Jonas aceitar a gratuidade de Deus. Muitas vezes também não o é para nós.

Além disso, de acordo com a antiga mentalidade oriental e israelita, as plantas não eram consideradas seres vivos. Assim, o texto mostra a diferença: Jonas tem pena de uma planta, que era comparada a um objeto, e Javé não pode ter pena de uma cidade inteira e dos animais?

## CONCLUSÃO

Segundo Marti et al, o livro de Jonas distingue-se ainda das narrativas de Elias e Eliseu, mas também dos demais livros do profetismo, pelo fato de que a narrativa carecer de qualquer ligação com a história de Israel.<sup>5</sup>

Já segundo Maria Antônia, Shigeyuki, Irmã Enilda e outros estudiosos do Centro Bíblico Verbo há uma ligação histórica com o final do período persa, colocando provavelmente entre os séculos IV – III A.E.C. Devido às palavras aramaicas, expressões pós-exílica como “Deus do céu”; aos costumes do período persa, no qual animais participam de momentos penitenciais; os paralelos com o livro de Jeremias e a detalhes geográficos.

Em relação à estrutura do texto, ao comparar as perícopes observa-se certa simetria e organização na sequência dos acontecimentos e na composição final:

<b>1-2: a fuga exterior</b>	<b>3-4: a fuga interior</b>
1,1-3 a ordem e sua transgressão	3,1-3b a ordem e seu aparente cumprimento
1,4-16 Sobre o mar, no navio: o temor a Deus dos marinheiros e a resistência de Jonas (nega-se a orar e deseja morrer)	3,3b-4,5 Na cidade de Nínive: a conversão dos pecadores e a resistência de Jonas (exige justiça punitiva e deseja morrer)
2,1-11 No mar, nas vísceras do peixe: a sujeição de Jonas	4,6-11 Em Nínive, diante dos portões da cidade: a rendição de Jonas

Destacam-se as seguintes reflexões teológicas e algumas atualizações:

---

<sup>5</sup> ZENGER ERICH- BRAULIK GEORG- NIEHR HERBERT ET AL, Introdução ao Antigo Testamento, Tradução de Werner Fuchs, Edições Loyola, São Paulo 2003, 499.

- O profeta Jonas foi interpretado como representante do judaísmo resistente à conversão, e os pagãos no livro de Jonas, como “judeu melhores” (pessoas penitentes e justas) de acordo com Rm 2,17ss. A preocupação com a identidade de um povo exilado e enfraquecido contribuiu para a criação do conceito de povo eleito como privilégio, separação e superioridade em face de outros povos. Os habitantes da terra passaram a representar o maior perigo para a infidelidade de Israel. [...] A identidade da comunidade judaica é definida à luz do poder e dos interesses do império persa.
- O livro critica tendências nacionalistas, particularistas e xenófobas no judaísmo pós-exílico e incute que a eleição de Israel por Javé tem o alvo de trazer às nações a mensagem de Deus. Nos tempos atuais, ainda há muitos conflitos provocados pela crença na superioridade de uma nação ou de um grupo sobre outros. Assim, o livro de Jonas poderá nos ajudar a rever as atitudes e preconceitos que criam separações em nosso meio;
- O livro é uma narrativa pedagógica sobre a dramaticidade de uma vocação profética e/ou sobre o significado do profetismo de juízo e desgraça. O jejum e o arrependimento não são garantias do perdão de Deus para os assírios. A ação de Deus é livre, como se observa nesta passagem: “Quem sabe? Talvez Deus volte atrás, arrependa-se e revogue o ardor de sua ira, de modo que não pereçamos” (Jn 3,9). Também, o fato do rei da Assíria, levantar-se do trono e sentar-se na cinza é lendário, assim como o sucesso do anúncio de Jonas. O relato de Jonas tem a intenção de provocar a conversão na cabeça de seus ouvintes. É um chamado para os israelitas aceitarem que seu Deus é Deus de todas as nações e não fecharem o diálogo com as cidades estrangeiras do final do império persa, que poderão se converter de sua maldade e violência. A misericórdia de Deus é para todas as nações.
- Também, nota-se que a Bíblia está cheia de gritos, orações e histórias de pobres e impuros para quem o culto do Templo não era o elemento essencial da religião;

- O livro encerra ressaltando que o Deus de Israel enquanto Deus Criador é um Deus da Graça, o qual enquanto Deus da justiça move para a conversão, mostrando-se nisso como Deus que perdoa e desiste do castigo;

## BIBLIOGRAFIA

CENTRO BÍBLICO VERBO, «OS ESTRANGEIROS ACREDITAM NA AÇÃO DE JAVÉ: UMA LEITURA DE JONAS», *VIDA PASTORAL* 274/51 (SET.OUT, 2010) 14-20, [HTTPS://WWW.VIDAPASTORAL.COM.BR](https://www.vidapastoral.com.br) [ACESSO: 21-08-2023].

FERNANDES LEONARDO AGOSTINI, *JONAS, PAULINAS*, São Paulo 2020.

KILPP-NELSON, *JONAS*, Comentário Bíblico, Vozes, Petrópolis 1994.

MARQUES MARIA ANTÔNIA, «LEVANTA-TE E VAI À GRANDE CIDADE: Uma introdução ao livro de Jonas», *Vida Pastoral* 274/51 (set.out, 2010) 6-13, <https://www.vidapastoral.com.br> [acesso: 21-08-2023].

MARQUES MARIA ANTÔNIA-PEDRO ENILDA DE PAULA, «CONVERSÃO DE NÍNIVE, PERDÃO DIVINO E CONVERSÃO DE JONAS: UMA LEITURA DE JONAS 3-4», *Vida Pastoral* 274/51 (set.out, 2010) 30-35, <https://www.vidapastoral.com.br> [acesso: 21-08-2023].

NAKANOSE SHIGEYUKI, «CONTINUO A CONTEMPLAR O TEU SANTO TEMPLO” (JN 2,5): UMA LEITURA DE JONAS 2,1-11», *Vida Pastoral* 274/51 (set.out, 2010) 21-29, <https://www.vidapastoral.com.br> [acesso: 21-08-2023].

SANTOS ALTIEREZ SEBASTIÃO DOS, *O livro de Jonas: um Deus que abraça todas as pessoas*, Caminhando, UESP, São Paulo 2019.

ZENGER ERICH- BRAULIK GEORG- NIEHR HERBERT ET AL, *Introdução ao Antigo Testamento*, Tradução de Werner Fuchs, Edições Loyola, São Paulo 2003.